

## PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS: O JORNALISTA-LITERÁRIO GILBERTO DE ALENCAR

Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)<sup>1</sup>

Este trabalho pretende, a partir do fluxo, percorrer o trânsito que permeia a fronteira entre o texto jornalístico e o texto literário nas produções do escritor mineiro Gilberto de Alencar, publicadas no periódico **Diário Mercantil**, jornal de expressão na cidade de Juiz de Fora com importante projeção em Minas Gerais. A metodologia que fundamenta esta investigação é exploratória, bibliográfica e documental, apoiada nos preceitos de arquivos pessoais e arquivos públicos em diálogo com importantes linhas teóricas da literatura. Os estudos de Antônio Olinto - **Jornalismo e literatura** (1955), Alceu Amoroso Lima – **O jornalismo como gênero literário** (1969) - sustentam, com argumentos e razões, que o texto jornalístico pode ser uma expressão da literatura, desde que resguardados e preservados seu estilo e regras próprios. Para o desenvolvimento desta pesquisa, em fontes primárias, estão sendo realizadas visitas ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, MG, que detém a guarda do arquivo privado de Gilberto de Alencar, e ao Arquivo Histórico de Juiz de Fora, responsável pela guarda dos exemplares do jornal **Diário Mercantil**, desde a primeira edição em 1912 até o seu fechamento em 1983.

Mas o que a evolução dos meios modernos de publicidade nos vai demonstrando é que o jornalismo vai conquistando de mais em mais os seus foros de verdadeiro gênero literário.  
Alceu Amoroso Lima

Este trabalho é uma reflexão inicial em torno de uma investigação que se encontra em andamento e configura-se uma das ações do Projeto, **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico, (cadastrado no diretório de grupos de pesquisas do CNPq), tem por objetivo a produção do conhecimento científico voltado para a análise, descrição, documentação e preservação do patrimônio literário de escritores nascidos e/ou radicados na Zona da Mata mineira e seu entorno. Objetiva, ainda, apreender, por meio de abordagem histórico-literária, as tendências da cultura e da identidade regional mineira no cenário nacional. Um dos principais enfoques deste projeto, liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Moema Rodrigues Brandão Mendes e ligado a Linha de pesquisa, Literatura de Minas: o regional e o universal, do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras do CES/JF; é o estímulo ao desenvolvimento de outros projetos acadêmicos que privilegiem escrituras de memória e de depoimentos

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UFF), Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/MG.

peçoais, realizando uma leitura comparativa , intertextual e transdisciplinar. Ainda, pretendendo proceder o levantamento da produção literária de Juiz de Fora / MG, da região da Zona da Mata mineira e a divulgação destes escritores no panorama brasileiro e internacional.

Estas pesquisas têm se desenvolvido, preferencialmente, em parceria com dois museus de Literatura que funcionam como laboratórios: o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM / JF/ MG) administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/JF) e o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB / RJ).

A partir do fluxo, pretende-se percorrer o trânsito que se interpõe entre o texto jornalístico e o texto literário nas produções do escritor mineiro Gilberto de Alencar, publicadas no periódico **Diário Mercantil**, jornal de expressão na cidade de Juiz de Fora com importante projeção em Minas Gerais.

O **Diário Mercantil**, segundo Isabela Baião Mol “foi fundado por Antônio Carlos Ribeiro de Andrade e João Penido, em 1912, na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais, e encerrou suas atividades em novembro de 1983” (2015, p. 18). Sua sede localizava-se à Av. Rio Branco, 3372, principal via de circulação da cidade. Seus fundadores eram vistos como líderes políticos de grande influência, afirma Mol (2015).

A partir desta premissa interessa conhecer um pouco sobre a biobibliografia do escritor mineiro. Gilberto de Alencar nasceu em João Gomes, atual Santos Dumont, Minas Gerais, a 1º de dezembro de 1886 e faleceu a 4 de fevereiro de 1961.

Segundo Dornemilly Nóbrega (1997), a primeira impressão que tivera de Gilberto de Alencar era desfavorável: “uma figura magra, de roupa escura, colete, calça de bolso à militar, avarento de palavras na conversação, como se tivesse medo do cigarro cair da boca” (1997, p. 99). Mário Matos, traçou-lhe o seguinte perfil: “Singelo nas vestes, monossilábico na conversação, tímido na sociedade, doméstico como os gatos, ressabiado e meio solitário” (1997, p.99). O próprio Gilberto de Alencar em seu romance **O escriba Julião de Azambuja**, se define:

Não tão reacionário ou testado, como assoalham desafetos e até amigos do peito, não vou ao extremo de recusar o que é bom só porque é novo ou moderno, só porque é do meu tempo. O moderno a que sempre me neguei e persisto em negar-me é o moderno ridículo ou que vai de encontro ao bom senso, é o que não se ajusta, ou parece-me não se ajustar às conveniências. Que fim levaremos

se não forem respeitadas as conveniências ou algumas entre elas pelo menos? (ALENCAR, 1962, p. 42).

Mais adiante, Alencar reafirma:

Nem retrógrado, nem puritano. Metam, por conseguinte, a viola no saco os detratores de Julião de Azambuja e venham todos, com ele, opor barreiras às usanças que os estrangeiros nos mandam e até nos impõem, como se a nossa casa fosse a casa da sogra deles (ALENCAR, 1962, p. 82).

Dormeilly Nóbrega, então sintetiza que

descobrimos um outro Gilberto, simples, de adorável mineirice, o que, aliás, é palpável em toda obra que publicou, desde amor a Ouro Preto (“Cidade do sonho e da melancolia”) a seus romances, levando Aires da Mata Machado Filho a classificar de ‘mineirismo rural’ o de Gilberto, enquanto que o de Eduardo Frieiro seria um ‘mineirismo urbano’ (NOBREGA, 1997, p. 99).

O período pesquisado, neste momento, compreende as matérias publicadas nas colunas **Ferroadas, Preto e Branco e Suelto** entre 1952 e 1960. A metodologia que fundamenta esta investigação é exploratória, bibliográfica e documental, apoiada nos preceitos de arquivos pessoais depositados em arquivos públicos num diálogo com importantes linhas teóricas da literatura. Os estudos de Antônio Olinto - **Jornalismo e literatura** (1955), Alceu Amoroso Lima – **O jornalismo como gênero literário** (1969) - sustentam, com argumentos e razões, que o texto jornalístico pode ser uma expressão da literatura, desde que resguardados e preservados seu estilo e regras próprios. A hipótese levantada que motiva esta pesquisa e a de que as crônicas de autoria de Gilberto de Alencar publicadas nas referidas colunas é um texto literário.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, em fontes primárias, estão sendo realizadas visitas ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, MG, que detém a guarda do arquivo privado de Gilberto de Alencar, e ao Arquivo Histórico de Juiz de Fora, responsável pela guarda dos exemplares do jornal **Diário Mercantil**, desde a primeira edição em 1912 até o seu fechamento em 1983.

Gilberto de Alencar colaborou no **Diário Mercantil** entre 1952 e 1960 escrevendo para três colunas assim denominadas: **Suelto**, (1952- 1960) assinando esta coluna como **G.**; **Ferroadas**, assinando com o pseudônimo de **Zangão** (1954 – 1960) e

a coluna **Preto e branco** (1946-1960) assinando como Gilberto de Alencar. A publicação destas matérias era diária.

Foram transcritas algumas crônicas de cada coluna a título de permitir ao leitor uma visão da escrita de Gilberto de Alencar:

**SUELTO...**- O comissário de polícia Padilha que logrou vasta notoriedade em todo o Brasil por querer moralizar as ruas do Rio de Janeiro, varrendo-as dos casais, indecentes que escolhem a via pública para a prática de atos mais ou menos libidinosos, o que de resto já acontece por todo o País, acaba de ser exonerado de suas funções, diante da grita que contra ele tenazmente levantaram na imprensa, no rádio e em toda parte, os amigos da relaxação. Isso era muito de esperar, posto não fosse muito de desejar. A dissolução dos costumes chegou a um tal ponto em nossa terra que aqueles que se atreverem a protestar ou agir em defesa da moral são apontados como retrógrados, como Catões ridículos, como indivíduos anacrônicos. E se alguma autoridade, como no caso deste Padilha, o prêmio que lhe oferecem é a demissão... De mil Padilhas, ou, ou dez mil, precisava inegavelmente o Brasil. Só possuía um, infelizmente. E esse mesmo acaba de ser posto no olho da rua. O que mais admira no episódio, para não dizer o que mais revolta é que uma parte da imprensa a pretexto de violências cometidas, haja trabalhado poderosamente pela exoneração da autoridade moralizadora. É claro que, de agora por diante, autoridade nenhuma há de querer enfrentar a onda da pouca vergonha que tomou conta das ruas. Os indecentes, os cínicos, os corruptos poderão agir à vontade, como em terreno conquistado agem os vencedores. E vencido desses vencedores é o Brasil. – G. (Diário Mercantil, 24/06/1952).

**SUELTO...** – O veranico chegou e chegou em janeiro, na hora certa, como acontece todos os anos, desde que por gente nos entendemos. Chegou por hora certa a única e verdadeira organização existente no Brasil, nos dias que correm, é a da natureza. Só ela não muda, não falha, não anda para trás e para adiante, gerando confusão e esterilidade. Claro que lá uma vez ou outra vem uma seca ou um período de chuvas excessivas. Mas isto pouco altera as coisas e até é bom para quebrar a monotonia. Muita gente já se assusta por não estar chovendo há mais de três dias e por fazer agora muito calor. Temor infundado, esse. Falta de memória, também. Pois quem não sabe que o veranico é sempre assim e que aparece na primeira quinzena de janeiro? As roças estão fora de perigo, o milho já granou e as colheitas, segundo todas as indicações, vão ser abundantes. Quanto à influência que isso vai ter sobre o custo da vida, é outra coisa. O custo da vida no Brasil pelo menos não depende hoje nem do tempo favorável, nem das pragas e moléstias que perseguem a lavoura. Depende exclusivamente da ganância e da exploração. E não consta ainda, infelizmente, que elas tenham sido contidas ou açaimadas por quem de direito. – G. (Diário Mercantil, 15/01/1953).

**Ferroadas:** O Edifício do Fórum local acha-se em ruína, ameaçando desabar a qualquer momento, apesar do dinheiro que o estado arrecada aqui em impostos. Leva-se daqui o cobre / E nada se dá em troca .../Juiz de Fora é rica ou pobre? / É cidade ou biboca? Zangão. (Diário Mercantil, 07/10/1954).

**Ferroadas:** Diz um jornal que é de grande a quantidade de cães hidrófobos vagando pelas ruas em Nova Friburgo, sem que sejam tomadas providências. Se contra os tais cães danados / Não se vê nenhuma ação / É natural

certamente, que o povo se dane, então. Zangão. (Diário Mercantil, 20/11/1954).

**Ferroadas:** Foi preso no Rio o indivíduo Joaquim Silva, vulgo Vista Curta, que vendia a prestações lotes de terrenos inexistentes. De todo jeito se furta / E quem menos corre voa .../ - Esse tal de “Vista Curta” / Até que tem vista boa. Zangão. (Diário Mercantil, 07/04/1956).

**Ferroadas:** Dizem de São Paulo que se houver novo aumento de salários, milhares de operários ficarão sem emprego. Nesta história de salário / Há quem perca e quem ganhe emprego: - Pode perder o operário, / mas sempre ganha o pelego. Zangão. (Diário Mercantil, 28/01/1958).

**Ferroadas:** A revolução em Cuba contra o chefe do governo Fulgêncio Batista está prestes a triunfar, segundo afirmam os telegramas, derrubando o ditador. Eu saboreio em silêncio / Notícias como estas tais: / - A estrela do tal Fulgêncio / Agora não fulge mais...Zangão. (Diário Mercantil, 09/04/1958).

**Preto e branco. Joaquim Manoel de Macedo.** A cidade fluminense de Itaboraí, de nome tão belo e sonoro, está comemorando os seus cento e dezanove anos de existência. É de praxe que as cidades fluminenses ou não, ao festejarem a data de sua fundação, recordem com orgulho com orgulho o nome de seus filhos mais ilustres no passado, prestando-lhes as homenagens tidas como justas e merecidas, o que é em modo de estimular as gerações presentes no trabalho em prol do progresso de torrão natal. Itaboraí, na sua modéstia, de pequena cidade do interior, não quis fugir à praxe e está evocando e festejando o nome de seus filhos mais dignos de admiração. E o faz com legítimo desvanecimento, porque alguns deles lograram fama nacional. O nome itaboraiense agora mais lembrado e festejado é o de Joaquim Manuel de Macedo. É muito natural que assim seja. O autor de a “Moreninha” pode não ter sido um grande romancista, mas o que é certo -e que sobreviveu e continua sobrevivendo, enquanto muitos outros, tidos e havidos como bastante acima dele, andam completamente esquecidos do público. Se a glória afinal, é a sobrevivência, não se pode negar a glória de Macedo. Não é raro, é antes muito comum ver-se gente procurando nas livrarias a “Moreninha” e o Moço louro” cujas edições se sucedem. Bem sei que nem sempre a popularidade é uma prova de valor daqueles que a desfrutam. Mas a verdade é que nenhum escritor deixa de sonhar com ela e de ardentemente desejá-la. Joaquim Manuel de Macedo alcançou-a plenamente. Alcançou-a porque tinha imaginação embora lhe faltasse a beleza da forma. Não foi estilista, mas foi romancista, e romancista que soube fazer-se admirar pelo povo, que até hoje não o abandonou, apesar dos críticos o dizem medíocre e apagado. Quando se fala de Joaquim Manuel de Macedo, logo vem a lembrança o nome de Itaboraí, sua cidade natal. Itaboraí, portanto, faz muito bem em festejar e reverenciar a memória desse filho ilustre, que a tornou conhecida em todo o Brasil. De resto, Macedo está definitivamente incorporado à literatura nacional, onde certamente não ocupa um grande lugar, mas de onde ninguém consegue tirá-lo. Gilberto de Alencar. (Diário Mercantil, 24/05/1952).

**Preto e branco – O professor de filosofia.** Acaba de morrer em Pernambuco um professor de filosofia. Sabido como é, que os professores de filosofia e os próprios filósofos são tão mortais quanto o resto dos homens o fato não merecia nenhum registro especial se não fossem as circunstâncias que o rodearam. Em primeiro lugar, o referido mestre faleceu em meio à mais negra miséria. Em segundo lugar, para mitigar essa miséria, foi obrigado, nos seus últimos dias de vida a vender, um a um, os livros da sua

biblioteca. E vendeu-os com lágrimas nos olhos. Cada livro que retirava da estante, para poder comprar o amargo pão de cada dia, era como que uma punhalada para o seu pobre coração. Assim, o professor pernambucano morreu várias vezes porque era com a morte na alma que se ia desfazendo, todos os dias ou todas as semanas, de seus amigos e companheiros de toda vida de estudo e meditação. E morrer várias vezes, afinal de contas, não é o mesmo que morrer uma. Um filósofo ou um bom professor de filosofia é, em regra um homem que se desprende filosoficamente de todos os bens terrenos, menos dos livros. Tudo podem os filósofos perder sem grande pesar, porque a filosofia lhes ensina ser tudo, neste mundo precário e transitório. Tudo podem perder, sem aflições e sem lágrimas, exceto a biblioteca organizada com carinho através de longos anos de pesquisa e sacrifícios. O filósofo pernambucano vendeu a biblioteca e morreu em seguida. Nem era possível que sobrevivesse à dispersão dolorosa dos seus livros queridos, porque ninguém sobrevive nem mesmo os filósofos, ao que constitui a sua única razão de viver. A árvore morre se lhe cortam as raízes, morre o filósofo se lhe tomam os alfarrábios e os infolhos. Tenho, entretanto, para mim, que o professor pernambucano sacrificado pela miséria morreu sem ter possuído a noção do seu tempo e do seu país. Se tivesse tido essa noção, é claro que não haveria passado a existência a ensinar filosofia nos colégios e faculdades. Teria sido jogador de futebol. Se o uso da cabeça o levou à miséria e à obscuridade, o uso dos pés o teria levado à opulência e à glória. A gente precisa conhecer a terra em que vive.... Gilberto de Alencar. (Diário Mercantil, 27/05/1952).

A inquietação que envolve o classificar os gêneros textuais não é de agora, já que o conceito de literatura e de jornalismo é alterável no tempo, na forma e no espaço, conforme Mol, (2015) pondera.

Assim, esta pesquisa que apenas marca seu início com esta identificação das colunas alimentadas por Gilberto de Alencar, no **Diário Mercantil** sinaliza a novas investigações da qualidade que as fontes primárias nos permitem.

## Referências

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 07 de outubro de 1954.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 20 de novembro de 1954.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 07 de abril de 1956.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 28 de janeiro de 1958.

\_\_\_\_\_, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 09 de abril de 1958.

\_\_\_\_\_ **O escriba Julião de Azambuja**, Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.

\_\_\_\_\_, Gilberto. **Preto e branco. Joaquim Manoel de Macedo**. Diário Mercantil, Juiz de Fora, p.5, 24 de maio de 1952.

\_\_\_\_\_, Gilberto. **Preto e branco. O professor de filosofia**. Diário Mercantil, Juiz de Fora, p.5, 27 de maio de 1952.

\_\_\_\_\_, Gilberto. **Suelto. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 24 de junho de 1952.

\_\_\_\_\_, Gilberto. **Suelto. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.5, 15 de janeiro de 1953.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969. Coleção Ensaios, VIII.

MÓL, Isabela Baião. **Cosette de Alencar: a cronista de seu tempo**. 2015. 129f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NOBREGA, Dormevilly. **Revedo o passado: memória juiz-forana – 1ª série**. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 1997.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de documentação, 1955.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. Revista Contracampo, Niterói, n.17, 2007, p. 43-58, 2. sem. 2007. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/349/152>>. Acesso em:  
17 mai. 2015.